



## APRESENTAÇÃO

Caro professor,

Este caderno foi feito especialmente para você. Aliás, foi pensando nisso que debatemos (em segredo) durante a construção dessa longa “biografia” do Brasil. E por esse motivo também que, a cada evento de lançamento realizado em diferentes cidades do país, sempre dávamos um jeito de conversar com educadores e estudantes locais. Nessas ocasiões, examinávamos quadros históricos, documentos, selecionávamos temas, compartilhávamos apreensões, dividíamos projetos comuns. Nossa intenção foi dialogar o tempo todo com esse importante grupo da nossa sociedade — que pensa no passado, investe no presente e acredita num futuro melhor.

Por isso, é chegada a hora de apresentar um material especial para uso em sala de aula. Afinal, esta foi a todo momento nossa (boa) utopia: discutir com os professores uma visão mais renovada da história — crítica, generosa, porém indignada, mas não menos divertida — desse personagem que todos nós conhecemos tão bem.

Enquanto escrevíamos *Brasil: Uma biografia*, mantivemos alguns princípios em mente, de maneira que eles orientassem a condução da história. Não é possível discorrer sobre o passado e o presente sem partir de pressupostos comuns — isso acabou por nortear a narrativa do livro que agora partilhamos com você.

Em primeiro lugar, você verá que, para nós, a história é feita de lembranças, mas também de muito esquecimento. Ou seja, ao contrário do lugar-comum que reserva à história a função de ser apenas um acúmulo de dados, aqui defen-



demos que não há como recordar tudo. Mais ainda, *não* se quer recordar tudo. Por essa razão, temas dolorosos da realidade do país — como a vigência do mais largo e duradouro regime escravocrata mercantil no hemisfério ocidental — foram eliminados da nossa agenda de maneira sistemática: esquecidos. No seu lugar, desenharam-se um ambiente tropical e uma suposta tolerância racial associada à imagem de uma “boa escravidão”. Claro está que não existem bons sistemas escravocratas, os quais pressupõem — na sua base — a posse de um homem pelo outro. Por isso, na nossa memória oficial, tratamos ora de deixar tudo mais exótico, ora de transformar o feio em belo, ora (ainda) de inviabilizar tudo. Se este é um país que comporta muita inclusão cultural — revelada sobretudo nos esportes, nas artes e na nossa cultura bastante mestiçada —, não há como deixar de notar os dados de exclusão social expressos nos índices perversamente desiguais de acesso ao mercado de trabalho, à justiça e, não menos importante, à educação.

O mesmo processo ocorreu com a representação amplamente divulgada de “um povo e um país pacíficos”. Sabemos que já de início, durante o assim chamado “descobrimento”, gerou-se um genocídio ameríndio, com números que beiram a catástrofe. Além do mais, desde os tempos da colônia até o presente foram muitas as batalhas, revoltas, conjurações, insurreições que invadiram nosso suposto calendário pacato. Se tivemos apenas uma guerra internacional e oficialmente reconhecida — a desastrosa Guerra do Paraguai, que durou de 1865 a 1870, consumindo vidas e os cofres do Império —, não foram poucos os motins, revoltas e levantes protagonizados por vários setores da população. Lutar pela liberdade e pelo *direito a ter direitos* foi sempre um sonho bom de sonhar, e não poucas vezes os brasileiros saíram às ruas, nas vilas e mesmo nas matas para defender o que era “seu” e o que fazia parte do “bem comum”.

Em segundo lugar, vale lembrar que, diferentemente do que diz a ladainha, e como escrevemos no livro, “história não é conta de somar”. Isto é, não é disciplina que acumula datas e eventos de forma mecânica. História é antes problema; são questões que fazemos ao passado. Não se volta ao passado sem pressupostos, e o presente anda cheio de passado.

Gostaríamos de lembrar um terceiro aspecto: sempre se deu à historiografia a falsa imagem de uma ciência que anota e estuda apenas a mudança. Assim, junto com a ideia da cronologia — de um saber que se organiza a partir da sucessão em série de fatos e eventos —, nos acostumamos a pensar em história como “alteração”. Pois história é sim mudança, mas também continuidade. Ou melhor, é mudança na continuidade, sendo o oposto também verdadeiro.

Por isso mesmo, no livro que serve de base para o caderno que você tem em mãos, a despeito de seguirmos uma certa ordem cronológica — em que se sucedem um período longo (muito anterior à chegada dos portugueses) e depois os tempos de colônia e de Reino Unido, o Primeiro Reinado, o Segundo Reinado, a Primeira República, o Estado Novo, o período da democracia de massas e do

nacional-desenvolvimentismo, a ditadura militar, a redemocratização e o novo Estado de direitos inaugurado pela Constituição Cidadã de 1988 —, sempre interpolamos problemas para indagar os fatos e temas que se repetem de forma insistente na nossa agenda de mais de cinco séculos. Também recuperamos temas que — teimosamente — regressam. São eles: a questão racial e a violência, que já comentamos aqui, mas também o patrimonialismo — o entendimento de que o Estado é um bem pessoal, patrimônio de quem tenha poder — e o bovarismo — um mecanismo muito singular de evasão no imaginário, que nos permite recusar o país real e imaginar um Brasil diferente do que é —, além da persistência das esferas privadas em detrimento do espaço público. Por isso, não poucas vezes desconfiamos das instituições, do Estado, dos partidos e dos nossos representantes.

Fica combinado, então, que história não é um projeto evolutivo e previsível. Ela é feita de idas e voltas, avanços e recuos, acertos e contradições. Por isso, fazer o retrato de um país pode ser também definir um personagem. Um perfilado complexo, de difícil doma e que comporta os grandes tipos, os homens públicos, as celebridades; mas onde da mesma forma estão contidas figuras miúdas, quase anônimas — e as intervenções que protagonizaram no mundo público da sua época com os recursos de que dispunham —, e que no nosso livro ocupam lugar de estrelas. Estrelas no firmamento da nossa história, sempre um campo aberto de possibilidades, que, se não é infindo, é mesmo muito, mas muito variado.

Este caderno é organizado pelos capítulos do livro, de maneira que você explore ao máximo temas, autores, canções, poemas, documentos, personagens e telas presentes nessa biografia do Brasil. Nessa tarefa, contamos com a ajuda de dois professores — Diego Escanhuela e Sebastião Soares —, os quais trouxeram a experiência de sala de aula e das escolas de ensino fundamental e médio. Da mesma forma, com o trabalho de Érico Melo, que foi nosso “checador” durante a realização do livro *Brasil: Uma biografia* e agora nos auxiliou na redação dos resumos dos capítulos.

Trabalhamos também com os conceitos que utilizamos no livro. Ao final, você encontrará uma relação dos principais assuntos teóricos que nos mobilizaram e que, esperamos, incendiarão a imaginação de todos, de modo que reconsideraremos e questionaremos o cotidiano, indagaremos o presente e refletiremos sobre o futuro.

Sabemos bem que cada um dos que nos acompanham aqui tem suas próprias opiniões sobre esse biografado, que, como nós, tem seus acertos, mas também erros; que às vezes avança e em outros momentos recua; que nos orgulha e entristece; que é ético, mas também se contradiz. Como sempre dizemos, o Brasil não cabe numa história, mas bem merece uma, e esperamos que das boas.

HELOISA e LILIA